

## **Gestos de reter vestígios em objetos e palavras**

(Texto de Beatriz Furtado sobre a exposição “Horas a fio”, de Élide Tessler, no Museu de Arte Contemporânea, do Centro Dragao do Mar, em Fortaleza, 2003)

Revelar o objeto através do deslocamento de sua função ordinária com o propósito de estabelecer novas relações é uma questão que ocupa a produção da arte contemporânea. Mas, ainda que isso seja especialmente verdadeiro na obra de Élide Tessler, não é suficiente para atender às questões que ela aponta. Seu trabalho é mais complexo e incisivo. Os objetos que nos apresenta são retirados de seu confinamento, ativados e envolvidos por palavras que, isoladas, perdem seus nexos e hierarquias. Não são apenas os objetos que ocupam outros lugares. São também seus nomes que saltam de um contexto semântico dado e se tornam insubordinados. Juntos, palavras e objetos, suspensos e desacomodados, portam o indizível que nos habita.

A exposição “Horas a Fio”, no Museu de Arte Contemporânea (MAC), do Centro Dragão do Mar, em Fortaleza, opera bem esse entendimento. São quatro trabalhos fundamentais, ainda que não tenham a pretensão de traçar uma trajetória da artista. É uma exposição sintética. “Manicure”(2002), “Claviculario”(2002), “Vinte Anos e Meia”(1994) e “Fundo de Rumor Mais Macio que o Silêncio”, criado para esta exposição, realiza a proposta de sua curadora, Luiza Interlenghi, de reunir trabalhos que apontam os sentidos e os interesses das pesquisas de Élide Tessler.

“Claviculario” reúne chaves virgens sobre as quais Élide gravou trechos de uma lista, curiosamente, de coisas deixadas de lado, como meias, calçados, garfinhos, lembranças de aniversário e lentes de contato, que encontrou ao acaso, na arrumação do apartamento de sua mãe, após a morte dela. “Me parece que cada um de nós fabrica suas listas. Estabelecemos listas para combater o esquecimento. Me parece ainda que, uma vez repertoriados, os objetos comuns adquirem um outro estatuto. Há um aumento de valor de existência, nos fornecendo um pouco mais de ilusão face à organização fictícia de nossas vidas”, explica Élide. Palavras e objetos arrancados de seus contextos, literários ou familiares, desgarrados de suas razões, ganham singularidade.

A configuração de listagens exaustivas é um procedimento recorrente no trabalho de Élide. Hoje constituem “Palavras-Chaves de uma Prosa Reunida”, produzida a partir de palavras desconhecidas ou que lhe pareceram estranhas em sua leitura de “Prosa Reunida de Adélia Prado”; “Palavras-Chaves do Mundo de Sofia” e “Palavras-Chaves de Alice no País das Maravilhas”, recolhidas por Sofia e Alice, suas duas filhas. E, ainda, Palavras-Chaves com fragmentos de “The Waste Land”, de T.S.Eliot; “Finnegans Wake”, de James Joyce e “Grande Sertão:Veredas”, de Guimarães Rosa. Antes, já estavam presentes em “Temporal”(1988), bordadas em 74 pequenas

toalhas e dispostas ao vento em varais, e em “Coisas de Café Pequeno”(1999), palavras que nomeiam coisas comuns, gravadas em ouro sobre prendedores de roupa. E ainda, a palavra latente, em “Doador”(1999), que os objetos evocam em nomes terminados em dor.

Mas não se trata apenas de colecionismo, pelo menos não no sentido de formar coleção de objetos. Não é o acúmulo que interessa, mas o gesto de reter vestígios através das palavras e dos objetos. Tal como em “Manicure”, uma anotação curiosa feita dos esmaltes para pintar unhas em salões de beleza. Vidros de esmaltes recolhidos ao longo de anos e dispostos sobre uma mesa de manicure e que evocam lugares invisíveis e a alquimia dos laços afetivos do fazer as mãos. Gesto se deixam ver em “Vinte Anos e Meia”, um único fio de arame revestido com várias camadas de meias finas, recolhidas por uma só pessoa durante vinte anos. Élide investiga o potencial simbólico contido nos objetos e nas palavras.

“Horas a Fio” não é uma exposição extensiva, mas é precisa. Mostra trabalhos que dialogam entre si e tecem elos esclarecedores do percurso da artista. Em “Manicure” e “Vinte Anos e Meia” podemos ver o desdobramento de “Falas Inacabadas”, uma bancada com frascos de vidro, recipientes de metal, fio de ferro, pedras e palha de aço, cristais, sal grosso, estopa e feltro e que vem incorporando outros objetos e tomando novas configurações. Diálogo sugerido também em “Fundo de Rumor Mais Macio que o Silêncio”, onde peças de palha aço são embebidas de cola, água e vinagre e aderem a parede, horizontalmente, na altura do olhar. A palha oxida, faz escorrer ao acaso um líquido ferrugem em linhas verticais tortuosas. E então, algo mais transpira dali e traz de volta os desenhos da artista, também inscritos por meio da oxidação.